



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 9 - Ano 5 - Nº 9 - Janeiro / 2017
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

TEMAS LIVRES

8- ESCRIVÊNCIAS FEMINISTAS NEGRAS: CAMINHOS DE AUTORIA E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Anni de Novais Carneiro¹

Resumo

Este texto objetiva elucidar processos de autoria e subjetivação de mulheres negras e feministas a partir de escritas criativas e apontar aproximações dessas escritas e do conceito de Individuação da Psicologia Analítica de Carl Jung. As "escrevivências" de mulheres feministas negras, mestiças, terceiro mundistas trazem inúmeras contribuições, indicando a demanda pela valorização das cosmovisões indígena, africana e afrobrasileira. Apoiada em autoras dos Feminismos Negro e Pós-Colonial, com destaque para Lélia Gonzalez, Glória Anzaldúa, Audre Lorde e bell hooks indica-se as repercussões destas escritas criativas, artevismos, com relação a subjetivação e movimentos de resistência. Entende-se que ao contar e recontar suas histórias em seus textos poéticos, estas mulheres fazem um exercício de (re)construção de si, encontro consigo, de forma alinhada à Arteterapia e suas técnicas expressivas. Deste modo, o movimento expressivo em destaque favorece elaborações subjetivas das autoras e de outras mulheres, ou ainda, se promove um reposicionamento de si, consequentemente a desestabilização dos tensionamentos correntes na sociedade, pautados em matrizes de desigualdades tais como o sexismo, racismo, classismo, etarismo e heteronormatividade.

Palavras-chave: Individuação. Arteterapia. Escritas poéticas. Negras. Feministas.

¹Anni de Novais Carneiro – Psicóloga, Psicoterapeuta e Arteterapeuta Junguiana em formação. Bacharela Interdisciplinar em Humanidades IHAC/UFBA e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos PPG NEIM/UFBA.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva elucidar processos de autoria e subjetivação de mulheres negras e feministas a partir de escritas criativas, e apontar aproximações dessas escritas e do conceito Individuação da Psicologia Analítica de Jung. O argumento central é que, a partir de escritas autorais e criativas, mulheres negras desenvolvem uma diversidade de políticas de agência, movimentos de resistência e encontro consigo – subjetivações, aproximando-as do movimento de individuação. Diante da importância de explicitar o meu lugar de fala, apoiada na Teoria do Ponto de Vista (*Standpoint Theory*) de Harding (2004), busco elucidar o meu processo de aproximação da temática e os delineamentos do artigo. Sou psicóloga, negra, jovem, mestranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo e estou em formação no curso de especialização em Arteterapia utilizando a abordagem Junguiana. Tendo como base reflexões acerca do lugar da escrita, meu interesse surge da minha experiência, inclusive em processo de Arteterapia, e leituras, ao longo do mestrado, de textos de mulheres negras, com destaque para Glória Anzaldúa e Bell Hooks entrei em contato com escritas diferentes, não tradicionais. Por meio do contato com o conceito: escrita performativa, foi possível compreender melhor em que consistiam essas escritas, ainda que a experiência venha antes da teoria. Durante todo este percurso escrevi, participei de Oficinas de Textos em Humanidades, Oficinas de Escritas Criativas e Literatura, aprendi modelos de textos, e o que se deve fazer para adequá-lo às regras da Universidade. Ao escrever na e para a academia durante as graduações, o exercício solicitado era sempre de algum distanciamento, mesmo que falando de mim, meus interesses. Ao ingressar na pós-graduação, entretanto, passo a ser convocada a escrever expondo-me, e tudo isso me faz construir outras escritas, meus caminhos para integração das pessoas dentro da minha pessoa.

O Feminismo, hoje plural, teve importante contribuição para o fortalecimento de uma nova concepção de ciência. Ao defender saberes localizados, teceu críticas à universalidade, neutralidade e racionalidade, além de incluir, visibilizar as mulheres, antes tão pouco legitimadas, reconhecidas. As escritas de mulheres feministas negras, mestiças, terceiro-mundistas trazem outras contribuições, incluem na escrita suas experiências de forma a abrir espaço para escritas dissidentes, criativas, visibilizam suas histórias não contadas anteriormente. Para tal, apoio-me em autoras dos Feminismos Negro e Decolonial, no Pensamento de Mulheres Negras e no conceito de

Individuação da Psicologia Analítica para lançar um olhar para a escrita destas mulheres, apontando para o entendimento de que, ao contar e recontar suas histórias por meio da escrita, essas mulheres fazem um exercício de construção de si, de encontro consigo, e isso que favorece elaborações subjetivas da própria autora e de outras mulheres, suas leitoras. Pretende-se aqui considerar o processo de produção das escritas performativas, criativas, por intermédio de passagens de textos das autoras Conceição Evaristo, Bell Hooks e Gloria Anzaldúa, sobre o processo da escrita autoral e as possibilidades de ressignificação de si. Resgatar sua história e identidade² é resistir. Acredita-se que o processo de feitura da escrita criativa, performativa é possível reconstruir-se, ressignificar. Proponho uma produção que fortaleça o desenvolvimento de uma consciência crítica, mais localmente situada e referenciada, que adense o movimento e as identidades de resistência.

Neste artigo, destaco o conceito de individuação, central para a compreensão da Psicologia Analítica de Jung, cuja construção foi pautada na sua experiência – questão evidenciada pelo próprio autor – o que surpreende e aponta para o entendimento de longa data acerca de autoria, autorreferência, em uma construção teórica, científica, como algo inevitável e importante. Segundo Maroni (1998, p. 49), individuar-se consiste em “[...] empreender luta perigosa, mas recompensadora contra os conteúdos do inconsciente coletivo, diferenciando-se das fantasias dos arquétipos e complexos. Alcançar a vitória, diferenciar-se da psique coletiva é onde repousa o verdadeiro valor”, ou ainda, tornar-se uma unidade separada, diferenciada da sociedade e do inconsciente coletivo, o que consiste em um projeto radical de aprofundar a noção de indivíduo. A individuação pressupõe o aprofundamento da diferenciação da pessoa com relação à sociedade, tendo em vista as regras, valores sociais e pressões para enquadramentos, normalizações, diferenciação entre personalidade consciente e fantasias do inconsciente coletivo, criando uma ponte, uma conexão entre o ego e o *self* (si mesmo).

Tendo em vista a atualidade do tema Pensamento de Mulheres Negras e a valorização de novas escritas e saberes não tradicionais, faz-se importante cooperar com este movimento. Pretende-se com a proposta discutida, contribuir com a comunidade, lançando um olhar interdisciplinar sobre o complexo processo de

² Identidade aqui entendida como com base em perspectivas críticas dos Estudos Feministas e Culturais, sujeitos que possuem identidades plurais, contraditórias, portanto, as identidades estão sempre em construção, não são dadas, fechadas ou fixas, fazem movimentos. Desse modo, identidades são aqui compreendidas como uma eterna construção que se dá pautada nos marcadores, suas articulações e agenciamentos.

escrita e suas relações com construções de agência, de identidades de resistência e individuação. Visa ainda, ampliar a reflexão sobre a importância de se evidenciar a relação da mulher negra com a expressão, apontando para práticas de resistência e possibilidades de abertura, de mudança e subjetivação.

2. FEMINISMOS E NOVO ENTENDIMENTO DE SUJEITO

A construção da identidade está sempre marcada pela relação de interação com os outros. A identidade constitui-se como a interpretação da sua história de vida (as experiências vividas pelo sujeito) e no seu processo de construção, tornando-se uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1987). Assim, a identidade é definida historicamente, com base na cultura e não em aspectos biológicos, logo, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Segundo Hall (2006), o sujeito pós-moderno caracteriza-se pela mudança, pela diferença, pela inconstância, e as identidades permanecem abertas. Apesar dessa visão de sujeito soar como perturbadora, tendo em vista seu caráter de incerteza e imprevisibilidade, resultante do deslocamento constante, segundo Hall (2006), ela tem características positivas, pois, se de um lado, desestabiliza identidades estáveis do passado, de outro, abre-se à possibilidade de desenvolvimento de novos sujeitos

Maroni (1998) destaca que pensadores como Kant e Schiller, no século XVIII, apontavam para a antinomia entre sujeito e sociedade, entendendo que a partir do desenvolvimento da sociedade, o que entendo ter relação com condutas estabelecidas e pouco plurais, valores pouco democráticos, o agravamento de iniquidades, o sujeito foi sendo sufocado, controlado, podado, e assim, fragmentou-se, perdeu-se de si. Estes autores propuseram uma integração e assimilação deste sujeito na cultura, sociedade, que desse lugar para a realização do indivíduo, da integração, da totalidade. O que segue muito atual, extremamente aplicável à cultura ocidental dos dias de hoje. Então, a individuação significa a autonomia do sujeito, a emancipação das regras coletivas, da moral e o respeito a uma ética pessoal, algo que respondesse às suas próprias demandas. E como compensação, retorno ao coletivo do aprendido neste processo, o sujeito individuado deve oferecer à coletividade um resgate do si mesmo, uma amostra de seus valores e criações. Penso que isto casa com a compreensão que tenho da

importância de repassar, de trocar experiências e aprendizados com outras pessoas acerca de questões de gênero e feminismos.

O feminismo é a ciência dos sujeitos múltiplos, inclui a política da interpretação, do parcialmente compreendido, do que foge à norma. É uma visão crítica decorrente de um posicionamento analítico em relação a sociedade marcada por um discurso hegemônico acerca do gênero. Não existe um ponto de vista feminista único, para cada fenômeno, grupo, sujeitos, histórias se dará um conhecimento parcial e situado de acordo com a pesquisadora. Extraordinário destacar o entendimento de pessoa como potência, com agência. Atores e atrizes já existem e os movimentos também, estes não dependem da lógica da “descoberta”, e sim de uma lógica de “conversa”. Assim, estão abertos espaços para os sujeitos, para o devir, para as surpresas e fluxos, não há controle (HARAWAY, 1995).

Donna Haraway (1995) salienta que o feminismo tradicional não rompe com a ciência tradicional, situa-se no pólo oposto, mas traz novidades na concepção e no fazer ciência, e que ao abalar as estruturas da objetividade científica tradicional, ainda assim as mulheres ficam distantes das ciências como a física, por exemplo, entretanto, houve e ainda há movimento. A autora aponta o marxismo como teoria importante que oferecia recursos instrumentais para a crítica à hegemonia, apontava para a necessária corporificação, materialidade, o que parece culminar nas Teorias de Perspectiva (*Standpoint Theory*). Donna defende o feminismo como projeto de ciência engajado e pós-moderno, menos vaidoso e autocentrado, um projeto de ciência sucessora (termo pautado por Sandra Harding) que ofereça explicações mais adequadas, ricas e, portanto, complexas de mundo, envolvendo uma relação crítica consigo, com as próprias práticas e com as práticas de dominação. Dessa forma, temos acesso a uma visão ampliada, intersseccional, a qual considera individualidades e coletividades, subjetividades, “(...) precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro” (HARAWAY, 1995, p.15).

Haraway aponta ainda para a importância do olhar que vem de dentro, próximo dos fenômenos, ou seja, a necessidade de que pessoas que não ocupam papéis como o de escritora, professoras, produtoras de conhecimento acadêmico, e de outros espaços, estejam inseridas para falar de sua realidade, para que não continue sendo vista de fora, por um estrangeiro que lança um olhar exótico. E para exercer o papel de escritora da minha história, da história dos meus e minhas, preciso saber de onde venho, quem sou, minha

ancestralidade, ter uma leitura crítica da realidade e me colocar. A autora destaca o uso da visão e da descorporificação desta na história da ciência, ao partir da visualização de uma cultura multinacional, pelo militarismo, capitalismo e supremacia masculina. Ela propõe que a escrita feminista enfatize a visão de modo metafórico e corporificado:

A moral é simples: apenas a perspectiva parcial promete visão objetiva. Esta é uma visão objetiva que abre, e não fecha, a questão da responsabilidade pela geração de todas as práticas visuais. A perspectiva parcial pode ser responsabilizada tanto pelas suas promessas quanto por seus monstros destrutivos (HARAWAY, 1995, p. 21).

3. ESCRITAS CRIATIVAS DE MULHERES NEGRAS, MISTIÇAS E TERCEIRO MUNDISTAS: AUTORIA E INDIVIDUAÇÃO

As feministas tradicionais brancas, em sua maioria, não buscavam ir além de sua experiência vital, ou seja, não estavam preocupadas ou atentas às diferenças. Essa leitura que exclui a diversidade e considera apenas a mulher branca como sujeito universal prejudica as lutas de raça e classe, ao reforçar a exclusão. As feministas que deram início ao movimento não possuíam nenhuma compreensão acerca da supremacia branca, por isso, não articularam de maneira significativa raça e classe. O que possivelmente decorreu da falta de contato com grupos heterogêneos, e assim as mulheres brancas ficaram apenas com suas reivindicações específicas. A luta de classes está intimamente ligada à luta de combate ao racismo, tendo em vista que a maioria das pessoas de classe social mais baixa tem a cor da pele preta ou parda.

Autoras feministas brancas, como Leah Fritz, escreveram sobre o sofrimento das mulheres como algo comum, inclusive defendendo não ser possível quantificar o sofrimento de mulheres brancas de classe abastada e mulheres negras de classes populares, então o sofrimento seria algo equivalente. Bell aponta que a soma de categorias de opressão gera o aumento crescente da experiência de opressão e as mulheres negras seriam, no mínimo, duplamente oprimidas – calcula-se quando são mulheres lésbicas, de religiões de matrizes africanas, gordas, naturais de países de “terceiro mundo”, por exemplo. Hooks (2004) indica que as mulheres negras são oprimidas de maneira mais direta. Segundo a autora não parece existir um vínculo comum entre todas as mulheres, o que parece uma exacerbação a fim de reafirmar a diferença, todavia, existem algumas aproximações. Quando se pensa em uma “opressão comum” são impedidas as diferenças, desfavorecendo assim as lutas de classe e raça e a melhora de

condições de vida para as mulheres negras. Assim, pode-se pensar que se faz necessário que mulheres negras e de todos os outros grupos não contemplados produzam, pesquisem e apresentem as diferenças, e dessa forma haverá uma diversidade maior de olhares e a inclusão da diferença.

As mulheres negras vivenciam e constroem um tipo de feminismo, por vezes, mas sem necessariamente entendê-lo como tal, sem acesso à nomenclatura ou sua teoria, fato este relacionado inclusive, à dificuldade de acesso das mulheres negras aos estudos, ainda mais quando se refere a estudos de ensino superior, gerando assim menos status, menos legitimidade ao que for defendido. Além disso, há uma dificuldade nas lutas porque todos possuem privilégio, o homem branco, a mulher branca, e o homem negro e a mulher negra parece estar em último lugar, sem espaço, sem privilégios e por isso precisa lutar, não por benesses, mas por igualdade.

Anzaldúa (2000) faz uso da linguagem poética, a partir de sua experiência como militante e escritora para inovar, para transgredir via escrita, faz contato com a afetividade, subjetividade. Evidencia a desvalorização da fala da mulher negra e mestiça em detrimento do modelo hegemônico, do quanto são deslegitimadas, muitas vezes não escutadas e com isso, sentem-se desimportantes. Por isso, pode-se pensar o exercício da autoria como árduo, isso acontece, dentre outros fatores, porque os autorizados a falar, histórica e socialmente, são homens e brancos, são eles que culturalmente se compreendem como capazes e são legitimados em suas colocações. A diferença que ganhou conotação de desigualdade, criando uma espécie de complexo de recolhimento, de barrar-se. Barrar o que se pensa, sente, deseja. Somada a questão do gênero, da raça/etnia há ainda a questão da nacionalidade. A partir desses e de outros marcadores as pessoas são estigmatizadas. “Como nos atrevemos a sair de nossas peles?” questiona Anzaldúa (2000, p. 231), é necessária muita coragem para tal, é imprescindível fortalecer feminismos que incluem, que dão visibilidade a pluralidade.

Se você não se encontra no labirinto em que (nós) estamos, é muito difícil lhe explicar as horas do dia que não possuímos. Estas horas que não possuímos são as horas que se traduzem em estratégias de sobrevivência e dinheiro. E quando uma dessas horas é tirada, isto significa não uma hora em que não iremos deitar e olhar para o teto, nem uma hora em que não conversaremos com um amigo. Para mim isto significa um pedaço de pão (MARAGA, 1983, apud ANZALDÚA, 2000, p. 232).

Anzaldúa (2000) compreende a escrita como reconciliação da pessoa consigo, do reencontro com o que há de negro e mestiço em nós, com o

que se entende feminino, o escuro, o mistério, o sagrado, a complexidade. A escrita como exercício de poder, como modo de compartilhar, preservar-se, descobrir-se, aproximar, para escrever histórias mal entendidas, ou contadas sempre pelo olhar estrangeiro, para escrever sobre seu povo, para exercitar o desimportar-se com o outro e o julgamento. Logo, esse tipo de escrita é um exercício de empoderamento, de saber-se si, é um desvelar-se e revelar-se; não há assunto desinteressante, opinião irrelevante, o perigo é perder-se na tentativa de universalidade ou na relativização. Anzaldúa convida a escrever em todos os momentos, nos instantes de dor, frustração, tristeza, de amor, de elaboração, denominando esse tipo de escrita de orgânica, a qual envolve o que há de mais pessoal, visceral na criação, entendendo as pessoas como potentes, capazes e criativas. Descolar-se das regras, transgredir é essencial para encontrar-se e para encontrar outras pessoas, assim são possíveis novos olhares, estes se dão através de experiência compartilhadas, de relações e não por intermédio da teoria crua.

Eu digo, mulher mágica, se esvazie. Choque você mesma com novas formas de perceber o mundo, choque seus leitores da mesma maneira. Acabe com os ruídos dentro da cabeça deles. Sua pele deve ser sensível suficiente para o beijo mais suave e dura o bastante para protegê-la do desdém. Se for cuspir na cara do mundo, tenha certeza de estar de costas para o vento. Escreva sobre o que mais nos liga à vida, a sensação do corpo, a imagem vista, a expansão da psique em tranqüilidade: momentos de alta intensidade, seus movimentos, sons, pensamentos. Mesmo se estivermos famintas, não somos pobres de *experiências* (ANZALDÚA, 2000, p.235).

Ao existir uma maior flexibilidade para a escrita, ou ainda, com a escolha da autora, dá-se a possibilidade de uma escrita autoral ou performativa³, tornando-se assim a escrita uma rica ferramenta para realizar conexões entre a vida cotidiana, afetos, desejos, dores e teorias ou elaborações. Essa ferramenta funciona como exercício de liberdade, de transgressão, e ainda, propicia uma compreensão mais integral das pessoas, dos fenômenos, favorecendo assim o aprendizado, a troca de experiências e o movimento de autorreflexão, ou ainda de subjetivação. Diante disso, pode-se pensar na estreita relação entre Psicologia, Feminismos, Pensamento de Mulheres Negras e Artes, com base nas escritas criativas e expressamente autorais. Toda construção é, de algum modo, autoral, entretanto, só adquire a força da autoria a

³ Della Pollok (1998) descreve a escrita performativa, conceito de origem estadunidense, como ferramenta que pretende abrir espaços, possibilidades, promover a liberdade da escrita no que diz respeito à forma e ao conteúdo; não há fórmula, consiste em uma construção individual e criativa.

partir do momento que isso é evidenciado na própria obra. Para tanto, demandam consciência e atenção para si, sua história e contexto vivenciado. São expressões de si, extensões de si, de um eterno devir.

Audre Lorde (1984) ressalta o quanto sua experiência de adoecimento com o câncer de mama repercutiu subjetivamente, despertando-lhe questionamentos sobre seu silêncio, o que mais lhe dava medo e, com isso, diversas reflexões e elaborações acerca de si, do grupo de mulheres negras. A autora relata que os pequenos silêncios que fizera só a haviam traído, pois, para ela, as mulheres compartilham da tirania do silêncio, são educadas a fazê-lo, a se calar diante das violências vividas por medo do outro, por medo de uma violência maior. A transformação do silêncio em linguagem e ação funciona como autorreveladores, como libertadores. “No silêncio, cada uma de nós desvia o olhar de seus próprios medos – medo do desprezo, da censura, do julgamento, ou do reconhecimento, do desafio, do aniquilamento”. A visibilidade de mulheres negras, lésbicas e/ou de terceiro mundo ainda é uma bandeira necessária, é preciso ocupar nossos espaços, territórios.

Segundo Nise da Silveira (1994), a Psicologia Analítica de Jung compreende a pessoa como um ser integrado e reserva ao corpo um papel fundamental no desenvolvimento psíquico e no processo de individuação do sujeito. O processo de individuação corresponde ao desenvolvimento da personalidade individual, o qual ocorre a partir do deslocamento para um novo centro psíquico, o *self*. Esse deslocamento consiste no ordenamento do consciente e inconsciente em torno do *self* e a personalidade torna-se completa. É no confronto entre consciente e inconsciente que se dá uma espécie de colaboração propiciador do amadurecimento de componentes da personalidade da pessoa, resultando na totalidade, na inteireza. Para tal, faz-se necessário o desenvolvimento de potencialidades do sujeito, e por isso, é único para cada ser humano, inclusive os percursos, que não são lineares ou de fáceis trilhas. O desenvolvimento das potencialidades é impulsionado por forças inconscientes, entretanto, o indivíduo tem a possibilidade de tornar-se consciente deste processo de modo a influenciá-lo.

Individuar-se não significa tornar-se perfeito, nem tampouco individualista. O movimento de individuar-se não se relaciona à perfeição, e sim, a completar-se, ou seja, conviver de maneira consciente com tendências diversas, que podem ser opostas e às vezes irreconciliáveis. Neste processo o sujeito não se torna egoísta, apenas realiza particularidades suas, ao contrário disso, durante o processo de individuação amplia-se a consideração para componentes coletivos da *psique*, conteúdos relativos ao inconsciente coletivo, o que aponta para um melhor

funcionamento em meio à coletividade. O processo de individuação apresenta-se nas diversas produções do inconsciente, e é retratado em imagens nos contos de fada, mitos, no *opus alquímico* e se manifesta de modo mais contundente nos sonhos, a partir do qual é possível acompanhar os progressos deste processo (SILVEIRA, 1994).

Após seu rompimento com Freud, em 1913, Jung confrontou-se com figuras de sua imaginação e a partir disto construiu o que pode ser considerado o conceito central de sua teoria, a Individuação. Maroni (1998) destaca que com o cristianismo, o sujeito fragmentou-se, tornando-se apenas parte de si, assim, haveria então, uma busca pela unidade. Nos estudos sobre Tipos Psicológicos, evidencia-se como os indivíduos tornaram-se unilaterais, desenvolvendo apenas determinados tipos e funções, com tendência a gerar um processo compensatório no inconsciente, uma espécie de retorno do oprimido, chamado enantiodromia – referente ao movimento pendular. Na Metanóia, acontecimento que ocorre no meio da vida, se dá a inversão da direção da vida psíquica, ou ainda, da energia psíquica, o que torna emergente fantasias do inconsciente coletivo.

Jung descreveu os processos da Individuação, também chamado de doença criativa, em três estágios (apenas como modo de elucidar o processo), sendo o primeiro referente à persona e à sombra, no qual a persona pode ser descrita como uma máscara social, construída e usada para se adequar às expectativas e normas sociais. O processo de individuação demanda um distanciamento, ou ainda, uma diferenciação entre a personalidade do sujeito e a máscara social, tendo em vista uma identificação total do sujeito com a persona o reduziria apenas ao parecer, e não ao ser. Enquanto a sombra relaciona-se à parcela da personalidade que é negada, aspectos rejeitados da personalidade (que incluem aspectos valorados como negativos e potencialidades) precisam ser assimilados, integrados de algum modo.

O segundo estágio tem relação com a *anima* e o *animus*, estes precisam deixar de atuar como complexos e tornarem-se funções psicológicas. E o terceiro estágio seria o das fantasias arquetípicas, mais especificamente do velho sábio e da grande mãe, que em geral surgem nos sonhos. Faz-se necessária a desidentificação da personalidade consciente com as fantasias arquetípicas, e com a diferenciação dessas fantasias, é gerada condição para a transformação dos complexos autônomos do *animus* e *anima* em funções psíquicas, favorecendo assim, o estabelecimento de uma nova relação entre o complexo do ego e o arquétipo central da personalidade, o *self*, do qual emergirá o símbolo (MARONI, 1998). Segundo Von Franz:

A experiência dessa extremidade mais elevada, ou centro, traz ao indivíduo um senso de significado e de realização, na presença do qual ele pode aceitar a si mesmo e encontrar um caminho intermediário entre os opostos presentes na natureza interior. Em vez de ser uma pessoa fragmentada, obrigada a apegar-se a apoios coletivos, o indivíduo torna-se um ser humano inteiro, autoconfiante, que já não precisa viver como um parasita do seu ambiente coletivo, mas que enriquece e fortalece esse mesmo ambiente com sua presença (VON FRANZ, 1997, p. 63).

Jung (apud FARAH, 2009, p.13) destaca que “a individuação só pode ocorrer quando é percebida, quando alguém está lá e a registra; de outro modo, é a eterna melodia do vento no deserto...”. E ainda, este processo inclui movimentos de busca de independência, unicidade, totalidade, isolamento. Ao aprofundar-se em textos e imagens alquímicas, Jung os relaciona com o processo de individuação, e é assim que supera a antinomia, os paradoxos deste processo. Com a individuação emerge uma nova subjetividade “[...] em que a consciência já não se reconhece como autônoma, em que o ego perde a sua centralidade e já não se identifica com apenas uma função nem com um único tipo psicológico. Para conquistar a individuação, o homem tem que diferenciar as quatro funções e os dois tipos psicológicos, alcançando então o que Jung chama de fantasia ativa” (MARONI, 1998, p. 54). Nesse estágio, nenhum dos tipos e funções é predominante, todos eles estão presentes, e a fantasia ativa corresponde à integração, união de pares opostos, como por exemplo, sentimento e pensamento, intuição e sensação, extroversão e introversão.

ALGUNS ARREMATES

Entende-se aqui que mais do que pensar para realizar escritas, escrevemos para pensar, e é este um exercício de elaboração, de articulação de ideias e de sentidos, que corrobora com o processo de individuação, esse processo será sempre feito com medo, com angústia, com dor, com mortes simbólicas, mas esse é o caminho, como aponta Audre Lorde (1984). Haraway (1995) expõe que, de um modo geral, não se está presente para si mesmo, e para o desenvolvimento do autoconhecimento faz-se necessário uma “semiótica-material relacionando significados e corpos”, gerando uma assunção dos sujeitos como agentes de suas próprias histórias. O eu de hoje, dividido e contraditório, que vacila, é que pode mudar a história.

A topografia da subjetividade é multidimensional bem como, portanto, a visão. O eu cognoscente é parcial em todas suas formas, nunca acabado, completo, dado ou original; é sempre construído e alinhavado de

maneira imperfeita e, portanto, capaz de juntar-se a outro, de ver junto sem pretender ser outro (HARAWAY, 1995, p. 26).

Assim, evidencia-se que as escritas autorais favorecem subjetivações, aproximações das autoras e de leitoras de suas próprias experiências, da construção e reconstrução de suas histórias, apontando para um novo entendimento de sujeito, que considera a subjetividade como algo irrenunciável, favorecendo o processo de individuação e o fortalecimento desta nova concepção de pessoa, mais inteira, mais si mesma.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas**: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Revista Estudos Feminista, 8. Florianópolis: UFSC, 2000.
- ANZALDÚA, Gloria. Los movimientos de rebeldía y las culturas que traicionam. In: **Otras inapropiables**: Feminismos desde las fronteras (obra colectiva). Traficantes de Sueños: Madrid, 2004.
- FARAH, Rosa Maria. Introdução. Em: Zimmermann, E. (Org.). **Corpo e individuação**. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 7-14.
- HALL, S. *Minimal Selves*. In: **Identity: The Real Me**. ICA Document 6. Londres: Institute for Contemporary Arts, 1987.
- _____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte / Brasília: Editora UFMG/Unesco, 2006.
- HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In: **Cadernos Pagu** (5)1995. Pp. 07-41.
- HARDING, Sandra. **The Feminist Stand point Theory Reader**. New York: Routledge, 2004.
- HEATHER, M. Methodology of the Heart: A Performative Writing Response. **Liminalities: A Journal of Performance Studies**. Vol. 3, No. 1, March 2007.
- HOOKS, Bell. Alisando os nossos cabelos. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, jan/fev 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. In: **Coletivomarias**. Disponível em: blogspot.com/alisando-o-nosso-cabelo.html. Acesso em: 20 setembro 2014.
- _____. An Aesthetic of Blackness: Strange and Oppositional. In: **Lenox Avenue: A Journal of Interarts Inquiry**, Vol. 1. 1995
- _____. Mujeres negras. Dar forma a la teoría feminista. **Otras inapropiables: Feminismos desde las fronteras** (obra coletiva). Madrid: Traficantes de sueños, 2004, p. 33-50.
- JUNG, C. G. **Memórias, sonhos e reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- _____. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- LORDE, Audre [1984]. **Textos escolhidos de Audre Lorde**: herética difusão lesbofeminista independente. Organizado por Difusão Herética. Edições lesbofeministas independentes. Disponível em: difusionfeminista.wordpress.com. Acessado em: 10 de outubro de 2014.
- MARONI, Amnérís. **Jung**: individualidade e coletividade. Coleção Logos, São Paulo: Editora Moderna, 1998.
- SILVEIRA, N. **Jung**: Vida e Obra. Coleção Vida e Obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- VON FRANZ, M.L. **Reflexos da Alma**: Projeção e Recolhimento Interior na Psicologia de C. G. Jung. São Paulo: Cultrix / Pensamento. 1997.